

Gilberto Freyre e a Inglaterra uma história de amor

MARIA LÚCIA GARCIA PALLARES-BURKE

RESUMO: Gilberto Freyre era um anglófilo confesso. Este artigo procura, de um lado, apontar para os traços da cultura britânica que mais o cativaram e, de outro, chamar a atenção para a grande importância do ensaísta britânico, Walter Pater, na trajetória intelectual do autor de *Casa-grande & Senzala*. Será argumentado que foi nesse autor vitoriano que Freyre encontrou inspiração para a forma ensaística de sua obra e para o tema da casa como elemento central para a compreensão da cultura brasileira. A parte final do artigo explora o impacto da obra de Freyre em Asa Briggs, um dos únicos intelectuais britânicos que reconhece o valor de suas idéias para o estudo de outras sociedades.

UNITERMOS:

anglofilia,
ensaio,
casa,
tradição,
modernidade.

“**A**mor físico e ao mesmo tempo místico” é o que, em suas próprias palavras, Gilberto Freyre sentia em relação à Inglaterra (cf. 1942a, p.21). É sobre o papel que esse amor – tantas vezes reiterado – exerceu na pessoa e na obra de Freyre que vou dedicar a primeira parte deste artigo. Ao amor não correspondido, dedicarei a segunda parte.

As duas primeiras manifestações literárias desse amor se encontram na coleção de pequenos estudos, de 1942, intitulada *Ingleses* e no livro *Ingleses no Brasil*, de 1948. Trata-se, em ambos, de um esforço, ao que tudo indica pioneiro, de resgatar o papel da cultura britânica na “história e no ethos do homem brasileiro” (1948, p. 25)¹. Meu objetivo não será fazer uma análise de semelhantes manifestações literárias ou de influências puramente intelectuais de pensadores ingleses sobre Freyre, mas buscar em seus escritos – especialmente nos artigos de jornal e no diário de juventude – indícios do papel que teve em sua visão de mundo, maneira de ser, estilo literário e opções intelectuais o convívio com ingleses: um convívio direto e pessoal, tanto em sua infância como durante sua primeira permanência no exterior; e um convívio

Uma versão resumida deste artigo foi apresentada no painel *Gilberto Freyre e a Europa* durante a 3ª Conferência da Brazilian Studies Association (BRASA) realizada no King's College, Cambridge, de 7 a 10 de setembro de 1996.

Professora da Faculdade de Educação - USP

indireto, por meio de suas leituras e de anglófilos, como o pai, que se orgulhavam das tradições inglesas de sua região natal.

Meu esforço será, em certo sentido, explorar mais amplamente as sugestões feitas há muitos anos por Antônio Callado, que enfatizou a originalidade desse autêntico brasileiro: extremamente devotado ao estudo dos problemas e peculiaridades de sua terra, mas que em pleno carnaval recifense, com seu paletó de tweed, mais parecia um coronel inglês a serviço de Sua Real Majestade, a Rainha. Considerando ser a influência britânica em Freyre não muito perceptível onde usualmente se espera, Callado se referia ao “feito inglês que se procura em sua obra e está em sua vida” (cf. Callado, 1962, p. 103-111)².

Muito na Inglaterra seduzia Freyre: a língua, a história, o comportamento do inglês, seu humor, sua fleuma e sua excentricidade são só uma pequena amostra do objeto de seus amores. A língua, por exemplo, o atraía pela sua simplicidade. “Sua gramática”, diz Freyre no seu vívido estilo tão peculiar, “é quase um peixe sem espinhas para a boca dos meninos das quatro partes do mundo” (1942a, p. 22). É ela que seus escritores põem, modestamente e sem alarde, a serviço de pensamentos densos e profundos. Sua história também nos “espanta”, pelo espetáculo das “revoluções brancas” que oferece ao mundo. “Depois da História Sagrada”, lembra Freyre, “é a dos ingleses que mais nos surpreende com milagres” (1942a, p. 24). O humor britânico, o *sense of humour* tão reconhecidamente inglês, é igualmente um traço louvável. É ele que tem o poder de contrabalançar, de corrigir mesmo, o pedantismo, a arrogância e o etnocentrismo desse povo que sabe, mais do que nenhum, segundo Freyre, rir de si mesmo (cf. 1942a, p. 25-26).

As origens do amor: a Inglaterra na infância de Freyre

Comentado pelo Prof. Dr. José de Souza Martins e coordenado pela Prof^a. Dr^a. Kátia de Queirós Mattoso, o painel contou com os seguintes participantes: Daryle Williams (University of Maryland), Enrique Rodriguez Larreta (University of Stockholm), Maria Beatriz Nizza da Silva (Universidade de São Paulo), Peter Burke (University of Cambridge) e Vamireh Chacon (Universidade de Brasília). Agradeço a todos os presentes pelos comentários e valiosas sugestões

Mas quando se iniciou essa sedução? Ao que tudo indica, muito cedo. Na verdade, a levar em conta depoimentos de seu pai, o juiz de direito, professor e diretor da Escola Normal de Recife, Alfredo Freyre, Gilberto nasceu numa família cujo patriarca já estava tomado de amores pela Inglaterra imperial. Filho da aristocracia rural de Pernambuco, Alfredo cultuava sua estirpe pernambucana de origem espanhola (foi ele que, cioso de suas origens, trocou o *i* pelo *y* do nome Freyre) e as tradições de sua região, na qual a presença inglesa tanto se fizera sentir, “londonizando a nossa terra”, como dizia expressão local (citado em Veiga, 1980-1984, 4, p. 332). Seu aspecto físico avermelhado, nórdico como os seus antepassados Wanderley, já o fazia ser tomado por um inglês ou alemão, engano que, em absoluto, o desgostava. Quando jovem, não dispensava o uso do fraque, chapéu côco e bengala, como era de praxe na época para os de sua classe, o que seguramente completava seu tipo de *gentleman* inglês (A. Freyre, 1970, p. 142-143; Freyre, 1975, p. 180). Filho de pai e mãe severos e moderados no comportamento, ao estilo britânico, era, como eles, calado, discreto e, como Gilberto dizia, com “um

seco de inglês” (A. Freyre, 1970, p. 93; Freyre, 1975, p. 5, 7). Dos pais Alfredo teria herdado uma “gravidade britanicamente apolínea” que contrastava com a sentimentalidade que guardava no íntimo, “como um inglês” (A. Freyre, 1970, p. 44, 31). Ele era um “romântico, embora encoberto, à inglesa”, dizia o filho Gilberto (cf. A. Freyre, 1970, p. 235). Admirador da monarquia britânica e inimigo das oligarquias, seu “liberalismo à inglesa” não via incompatibilidade entre os sistemas monárquico e democrático (cf. A. Freyre, 1970, p. 52). Latinista com especial admiração pela cultura anglo-saxônica e predileção pelos autores ingleses, lembrava-se Alfredo com carinho dos dois livros que ganhara do pai quando ainda com 8 anos: *Os Lusíadas* e uma tradução para o português, ricamente ilustrada, do clássico inglês de Milton, *Paraíso perdido* (cf. A. Freyre, 1970, p. 69-70).

Devia a seus muitos amigos britânicos, todos educadores em Recife, o aprofundamento de sua anglofilia. Com um deles em especial, Mr. Williams, “mestre anglicano e inglês muito inglês”, Alfredo tinha uma dívida impagável que só podia reverter num extremo entusiasmo pela civilização britânica (cf. A. Freyre, 1970, p. 115). A hostilidade de seu filho Gilberto, já próximo de 8 anos, à leitura e à escrita era tanta, conta Alfredo, que a avó materna falecera quase certa que seu neto “era nada mais, nada menos, do que o que hoje se chama ‘retardado mental’”. Pois bem, pela “ação como que mágica, mas na verdade inteligente, psicológica e muito inglesa” de Mr. Williams, Gilberto começou a ler, escrever e contar! (cf. A. Freyre, 1970, p. 112). Não é a toa que esse mestre anglicano tenha sido qualificado de “figura angélica”, pelo pai aliviado! (cf. A. Freyre, 1970, p. 155).

A fascinação de Alfredo pelo Velho Mundo era infinita. “Talvez, até exista em mim algo de ‘colonial’ em relação à Europa”, confessou (cf. A. Freyre, 1970, p. 128). Destinado pelo “pai lusófilo” a fazer seus estudos universitários em Coimbra e tendo a abolição transformado esse plano em luxo impossível, Alfredo transferiu o sonho para seus filhos Gilberto e Ulisses (cf. A. Freyre, 1970, p. 79, 128-129). Menos lusófilo que o pai e mais anglo-americanófilo, não sem dificuldade conseguiu enviá-los ao estrangeiro para estudos universitários. É com imenso orgulho que se refere à cultura que Gilberto sorvera *in loco*, ao seu Phd na Universidade Columbia, às conferências que frequentara em Oxford e Sorbonne e aos fiéis amigos britânicos que o filho tinha em Recife e na Inglaterra (cf. A. Freyre, 1970, p. 129, 173, 187). É com carinho que lembra que deles e de seus próprios amigos ingleses desde sempre recebera os tão desejados cachimbos, fumo e uísques britânicos, três de suas grandes paixões. Alfredo só iria conhecer a tão amada Europa aos 77 anos de idade, em companhia de Gilberto, numa viagem qualificada de “memorável”, em que muito lhe dava a sensação de “um delicioso *déjà vu*” (cf. A. Freyre, 1970, p. 129). Até então, seu contato fora indireto, por intermédio de livros e do filho e amigos que lá haviam estado ou lá tinham nascido. Homem sem grandes ambições intelectuais, Alfredo, no entanto, se vangloriava de alguns poucos feitos: de manter-se extremamente atualizado sobre as últimas

tendências em psicologia, filosofia e economia política com os livros que mandava vir de Londres, e que incorporava à rica biblioteca que herdara do pai autodidata; e de colocar seus alunos de economia política na Faculdade de Direito a par das novas idéias econômicas, tendo lhes dado o privilégio de serem os primeiros no Brasil a conhecer o revolucionário pensamento do inglês Keynes (cf. A. Freyre, 1970, p. 147, 125, 114, 152).

Ao lado da figura paterna, a de Mr. Williams é, ao que tudo indica, de importância significativa na vida de Gilberto Freyre. Para quem iria se tornar personagem marcante da intelectualidade brasileira, o mestre inglês que conseguira despertar o interesse do menino arreado para o estudo das primeiras letras deve ser visto como uma influência central. Foi, como vimos, com Mr. Williams que o pequeno Gilberto, que só queria desenhar, aprendeu a ler, escrever e contar, e a ler e escrever muito provavelmente mais em inglês do que em português (cf. A. Freyre, 1970, p. 112)³. Seguramente por sugestão dele, *As viagens de Gulliver*, de Swift, foi o primeiro livro que o menino Freyre leu (cf. Freyre, 1979, 2, p. 184). E seu gosto pelos romancistas ingleses, tão importantes, segundo Freyre, para o desenvolvimento da “alta espiritualidade”, deve ter também se iniciado por influência de Mr. Williams (cf. Freyre, 1979, p. 111). Sem dúvida, pois, a “figura angélica” que tanto impressionara o pai, acirrando seu entusiasmo pela cultura britânica, também marcou indelevelmente o menino em formação. Não é preciso ser psicólogo para perceber a grande importância na formação de um indivíduo dos estímulos ou desestímulos que se recebem na infância. Quando adolescente, é com carinho e gratidão que Freyre reconhece o quanto Mr. Williams fora importante ao valorizar o seu gosto pelo desenho e pelos brinquedos que os “outros adultos”, inclusive o pai, menosprezavam. Ele fora praticamente o único a prestigiá-lo por isso e a não lhe prever um mau futuro, por não dar para as matemáticas! (cf. Freyre, 1975, p. 3). Aos 19 anos, já nos Estados Unidos, se refere ao seu professor como “o querido inglês Mr. Williams: o melhor de quantos mestres já tive” (Freyre, 1975, p. 37).

A essa altura seria apropriado lembrar o que diz E. P. Thompson a propósito do que ele qualifica de vícios de interpretação nas histórias intelectuais. Segundo ele, “não somente as histórias política e econômica podem ser vistas como ‘propaganda dos vitoriosos’: isto também se aplica à história intelectual” (Thompson, 1994, p. XVIII). Estudando William Blake (1757-1827) e procurando identificar a tradição na qual ele se inseria e o lugar que nela ele ocupava, Thompson adverte que as idéias se produzem não necessariamente de um modo acadêmico, não especialmente pelo encontro com grandes obras e grandes autores, mas, sim, no entrecruzamento e choque de experiências pessoais e de tradições culturais grandes e pequenas, consagradas e obscuras. Para entender como a mente de um autor se relaciona com o mundo, afirma Thompson, é necessário recuar para a teia de experiências formadoras que muito cedo compõem a “estrutura de suas idéias” e que se não explicam, de modo algum, *todo* o autor, sem dúvida indicam algumas de

suas permanentes preocupações. Nessa linha, não se trata, portanto, de negar, por exemplo, o papel dos afamados Franz Boas ou Giddings na trajetória intelectual de Freyre, mas de ampliar o quadro de referência para dar relevo a outros encontros que, aparentemente secundários, foram, na verdade, decisivos para o autor de *Casa-grande & senzala*.

Em certo sentido, pode-se dizer que dentre os relevantes encontros “secundários” de Freyre, o com Mr. Williams foi crucial para o nascimento daquele “amor físico e ao mesmo tempo místico” que ele sentia pela Inglaterra. A admiração e a gratidão do pai e do filho para com o mestre anglicano se reverteram na discriminação positiva de ambos em relação à cultura britânica. Ao chegar à Inglaterra em 1922, aos 22 anos de idade, Freyre estava definitivamente pronto para dela se enamorar. O diário que escreveu ao longo dos anos que viveu no exterior, de 1918 a 1922, são bastante reveladores de um flerte que rapidamente se transformou em amor. Sua permanência nos Estados Unidos, onde frequentou as Universidade Baylor e Columbia, foi, por assim dizer, a antecâmara desse amor pela Inglaterra⁴.

Os Estados Unidos como antecâmara do amor pela Inglaterra

Sua viagem aos Estados Unidos, cumpre lembrar, fora feita como último recurso por alguém que se via abafado no que chamava de “aldeia recifense” (cf. Freyre, 1975, p. 10). Seu destino preferido fora centros de excelência como Heidelberg, Paris ou Oxford. A guerra, no entanto, tornara a Europa tão distante quanto a Lua. Era, pois, preferível escapar para os Estados Unidos, ideal, segundo Freyre, para os que têm talento para as matemáticas, do que permanecer confinado “neste pobre Recife”, onde o excêntrico (e talvez esnobe) adolescente se ressentia por não ter com quem conversar sobre Kant, Pascal, Comte, Spencer, Nietzsche, Schopenhauer, Bergson, James, etc. Freyre parte, assim, para os Estados Unidos, aos 18 anos de idade, sem muito entusiasmo pelo que ele qualificava de “civilização ultraburguesa” (cf. Freyre, 1975, p. 24). Mas, não obstante a irritação que o americano médio lhe causava – parecem “feitos em série, como os carros Ford e as máquinas Singer” – (Freyre, 1975, p. 68, 32), é na cosmopolita Columbia que encontra os “grandes mestres”, os “mestres dos mestres”, como dizia: Frans Boas, Giddings, John Basset Moore, John Dewey etc. (cf. Freyre, 1975, p. 43).

Mas, antes deles, um outro mestre, não afamado como esses, teria revelado a Gilberto um tesouro até então insuspeito e que se revelará marcante na sua trajetória intelectual: o ensaísmo inglês. É esse “admirável Armstrong”, professor de literatura inglesa e comparada de Baylor, que iniciou o jovem brasileiro nas riquezas dos ensaios de Steele, Addison, S. Johnson, Hazlitt, Defoe, Thackeray, Arnold, Pater etc. A importância da descoberta dessa rica “camada”, dentre as infindas camadas da literatura inglesa, nunca é demais enfatizar (cf. Freyre, 1975, p. 26, 27, 79). Por curiosidade própria Gilberto já conhecia alguns ensaístas, como Swift, Lamb, Carlyle e Macaulay,

mas nem os estudara sistematicamente nem aquilatara o quanto a compreensão dos “problemas básicos do homem e da sociedade” podia ganhar com seus trabalhos. Foi o curso do Prof. Joseph Armstrong que revelou-lhe quanta filosofia havia nessa literatura e abriu-lhe, para além das explicações científicas, “novas e largas visões do homem, da Sociedade, da História” (cf. Freyre, 1975, p. 27). Anos mais tarde, Freyre falará claramente do poder do ensaio na “formação da inteligência, da cultura e do próprio caráter do indivíduo” (Freyre, 1942b, p. 162).

A levar em conta seu próprio testemunho, depois de Mr. Williams foi Armstrong o segundo grande responsável por seu desenvolvimento intelectual. A ele Gilberto Freyre se referiria anos mais tarde como “meu eminente amigo, o Prof. Armstrong” (Freyre, 1979, 1, p. 255)⁵. Anglomaniaco, pelo menos no que diz respeito à literatura, professava o imperialismo da língua inglesa e tudo fez para persuadir o jovem Freyre a segui-lo nisso. Se alguma dúvida tinha ainda o jovem Gilberto quanto aos seus dotes intelectuais, os rasgados elogios do mestre de Baylor parecem tê-la, senão dirimido completamente, ao menos a amainado bastante. Talvez ele não fosse o gênio que Armstrong supunha, dizia Freyre, mas, se comparado com seus colegas de Baylor, ele deles se distinguia por “alguma coisa de antibanal, anticomum, antimedíocre” (Freyre, 1975, p. 77). O professor, no entanto, convicto de que estava ali um jovem de grande gênio literário a quem era reservado um grande futuro, queria dissuadí-lo do caminho heróico e inglório de escritor da obscura língua portuguesa, necessariamente paroquial, e captá-lo para o inglês universal, condição *sine qua non* para se tornar “um escritor pleno” (cf. Freyre, 1975, p. 37). Para tanto, Armstrong até fez Freyre estudar anglo-saxão com um professor recém-chegado de Oxford (cf. Freyre, 1975, p. 33, 42). Seus planos para o dileto aluno que chamava de “son”, eram bastante claros: sair da provinciana Baylor, estudar na cosmopolita Columbia, casar-se, ou pelo menos namorar, só com autênticas anglo-saxônicas (e abandonar “a encantadora italianazinha”), naturalizar-se norte-americano, receber os últimos polimentos em Oxford e, finalmente, tornar-se um “novo Conrad”⁶.

Alguns dos conselhos de seu “eminente amigo”, se sabe, foram seguidos pelo jovem Freyre. Se não se naturalizou americano, conheceu várias jovens anglo-saxônicas nas concorridas (e sexualmente avançadas) *necking parties* e se encantou com a jovem Helen, “tipo perfeito de ‘Anglo-saxon girl’” (Freyre, 1975, p. 74). Quanto a tornar-se um novo Conrad, Freyre parece ter, já àquela altura, optado por enfrentar o desafio de ser um “escritor pleno”, mesmo com essa “língua obscura”! Parte das sugestões de Armstrong vinham, na verdade, ao encontro dos anseios dos Freyres. Durante anos Gilberto tivera de se “contentar com uma Europa refletida – como a lua – num espelhinho de bolso” que trazia na algibeira (cf. Freyre, 1975, p. 14). A ansiada viagem, que a guerra impedira, iria finalmente se realizar em 1922. Tão logo lá chegou, contrastando o Velho Mundo com os EUA, Freyre retoma sua visão de que quem busca inovações intelectuais e não técnicas deve se voltar para o Velho

Mundo e não para o Novo. Não obstante ter observado lá algumas inovações, considera inegável que a fermentação e a “inquietação” estética, literária, política e social européias eram muito mais perceptíveis e disseminadas. Os norte-americanos, diz ele, são dados a “aventuras físicas”, capazes de construir pontes mirabolantes, mas o medo de que “idéias fundas” ponham em risco a confortável “felicidade burguesa” os impede “da menor aventura moral ou intelectual” (cf. Freyre, 1979, 2, p. 322). É assim que, após passar por Paris e Berlim, sem grandes explicações mas com veemência afirma sua preferência: “minhas afinidades com ambientes e gentes daqui (da Europa) são muito mais profundas que com ambientes e gentes dos Estados Unidos” (Freyre, 1975, p. 89)⁷.

Finalmente o ansiado encontro: Freyre na Inglaterra

É, no entanto, com a chegada à Inglaterra que Freyre parece encontrar sua maior afinidade. Após os felizes e decisivos encontros com Mr. Williams, Armstrong e os ensaístas ingleses, que lhe anunciavam uma terra insular rica e misteriosa, faltava ao jovem brasileiro achar finalmente seu espaço ideal. É então que teria ocorrido a junção dos dois encontros decisivos de sua vida: Mr. Williams e Oxford. Suas confissões dão disso um eloqüente testemunho: “Tudo mais, depois de Oxford, me parecerá mesquinho. Aqui, encontrei o prolongamento daquele estímulo e daquela compreensão que, menino, só encontrei num inglês, Mr. Williams. Ou nele mais do que em ninguém. (...) Agora, entre estes ingleses de Oxford, eu me sinto valorizado como em nenhum outro lugar. Como por nenhuma outra gente” (Freyre, 1975, p. 101). É interessante salientar que não parece ter ocorrido aí nenhum encontro especialmente significativo com alguma personalidade do mundo intelectual. Não foi um outro Frans Boas ou outros “mestres dos mestres” que aí encontrou, mas, sim, uma comunidade estudantil e uma cultura material e imaterial especialmente sedutoras. Foi, pois, muito mais um estilo de vida que o fascinou.

Evidentemente, a predisposição em favor da cultura britânica, que vinha se desenvolvendo desde a infância de Freyre, ganhara mais impulso nos Estados Unidos. As experiências em Baylor e Columbia devem ter, provavelmente, acrescentado uma especial queda pela Inglaterra e por Oxford. Armstrong recomendara a pequena cidade, com insistência, a Freyre; os ensaístas cuja riqueza descobrira eram britânicos, sendo alguns deles de Oxford; sua admiração por Amy Lowell (de quem ficou amigo) e Ezra Pound se devia a sua “reação ao americanismo” e a seus esforços de “reanglicizar” os Estados Unidos (cf. Freyre, 1975, p. 99 ss)⁸. Columbia o atraía não tanto, talvez, por seu caráter cosmopolita, mas por ser “muito inglesa e muito anglicana”, como dizia (cf. Freyre, 1975, p. 62, 64). E fora lá que o baronete inglês Sir Alfred Zimmern o encantara com o espírito helênico com que falava sobre Direito Público e Sociologia da História; e, por tabela, o seduzira por Oxford, onde aquele espírito estava vivo. Foi ele, diz Freyre, que o iniciou “no mistério

oxoniano” (Freyre, 1975, p. 100).

Para um estudioso de Gilberto Freyre, o que nessa sua atração parece mais intrigante é o fato de ele afirmar que, em Oxford se sentia *em casa*. É “meu ambiente”, diz ele, “como nenhum lugar já meu conhecido” (Freyre, 1975, p. 104). Especialmente intrigante por ter ali permanecido relativamente pouco tempo (o outono de 1922) em comparação com os anos que passou nos Estados Unidos. Mas, como ele disse, a brevidade fora compensada pela intensidade: foram dias “tão curtos e tão intensos!” (Freyre, 1975, p. 171). Com a chegada do inverno, quando tem de partir por questões de saúde, lamenta que “justamente agora que eu me sentia tão de Oxford” deva abandonar esse lugar idílico (cf. Freyre, 1975, p. 101). Essa preferência seguramente não podia ser explicada pela mesma razão com que Freyre justificara sua afinidade com o Canadá: a pequena cidade nada tinha da familiar “graça latina” que, nesse país, o fizera sentir-se melhor do que nos Estados Unidos (cf. Freyre, 1975, p. 55, 60). Quando em Paris ou Lisboa, jamais manifestara também tal sentimento de familiaridade e bem-estar. Como, então, entender que um brasileiro pudesse se sentir tão à vontade num lugar em que tantos ingleses tradicionalmente não se sentem?

Uma das grandes atrações de Freyre por Oxford talvez fosse seu ambiente aristocrático, sofisticado e ritualizado. O que na Inglaterra era-lhe mais sedutor parecia se concentrar nesta bela cidade. É provável que a “visão senhorial de mundo”, tão própria de Freyre (cf. Mota, 1994, p. 54)⁹, se enquadrasse confortavelmente no universo oxoniano, reduto da aristocracia intelectual e social de um mundo em extinção. O sentido de amizade que lá existia e a atenção psicológica e espiritual que a adolescência ali recebia, inclusive de velhos professores, parecia confortar especialmente o jovem Gilberto que, com 22 anos de idade, ainda se dizia adolescente. Anos mais tarde, já de volta a Recife, e se considerando um homem sem “um grande amigo”, relembra, com certa nostalgia, que fora só em Oxford que chegara mais perto de ter “dois ou três grandes amigos” (cf. Freyre, 1975, p. 97, 109-110, 171, 202)¹⁰. Lá também ele admirara o espaço que havia para os estudos desinteressados e pudera assistir a um espetáculo raro e gratificante, segundo ele: jovens “de beca a soletrar o grego e a ler o inglês ainda sem ossos” de Chaucer. Em contraste com a cultura americana, a inglesa, mais madura e humanista, é marcada pela “apreciação do inútil”, diz Freyre (cf. Freyre, 1979, 2, p. 256). Os rituais, os requintes de formalidade e a “beleza das coisas” – desde as porcelanas e pratarias em uso diário nos seus esplendorosos *colleges* até seu “campus lindíssimo” – também devem ter exercido grande fascínio sobre o jovem Gilberto (cf. Freyre, 1979, I, p. 164). Quando nos Estados Unidos, ele conta que um estudante americano “tipo médio”, implicara com seu “aristocratismo irritante” (Freyre, 1975, p. 55). Apesar de se revelar surpreso com a imagem que passava, é bem provável que ele conservasse um pouco daquele gosto pelo que o velho Alfredo chamava de “ostentações de lordeza”, própria dos seus antepassados Wanderley (A. Freyre, 1970, p. 93). É com marcado

regozijo que se refere, a uma certa altura, ao fato de ter conhecido a nobreza européia em franca agonia: “uma felicidade a minha, a de ter ainda a conhecido na intimidade”, diz ele (cf. Freyre, 1975, p. 123).

No entanto, mais do que qualquer outra, a razão maior do fascínio de Freyre por Oxford e pela Inglaterra parece ser a de que lá ele visualizou um Brasil às avessas. Em muitos aspectos, exatamente no que tinha de mais oposto ao seu país, Oxford passou, ao que tudo indica, a representar um Brasil possível. Mais do que as demais cidades européias, ela exerceu sobre ele um efeito de “cura” de sua “condição de americano”, confessa (cf. Freyre, 1975, p. 104). É uma outra sensibilidade e uma outra cultura que aí descobre e que passa a nortear sua imagem de um país ideal. Os artigos do jovem Gilberto no *Diário de Pernambuco* são pródigos em comparações entre a Inglaterra, Oxford e o Brasil, e evidenciam o empenho reformador de um crítico social profundamente influenciado pela experiência britânica de vida¹¹.

O gosto pela antiguidade e pela tradição, tão próprio dos ingleses, deveria inspirar no Brasil uma campanha no mesmo sentido, contrabalançando nossa “atual volúpia da novidade”, que não titubeia em destruir velhos edifícios, velhas igrejas etc. Caso contrário, adverte Gilberto num tom que lembra os discursos do Príncipe Charles na Inglaterra de hoje, o Brasil logo fará juz ao prêmio de “devastador do passado”, de “devastador das próprias tradições”. “Nas cozinhas de Oxford ainda se assam as viandas a espeto, à moda medieval”, relata Freyre, com admiração, a seus leitores (cf. Freyre, 1979, 1, p. 320; 342 *passim*).

Os brasileiros pecam por não se aperceberem da imensa importância dos rituais para a vida e dignidade das instituições. Tudo em Oxford, lembra Freyre aos recifenses (que assistiam impávidos à destruição dos cerimoniais na Faculdade de Direito), é feito de acordo com rituais que não são “velharias” dispensáveis, como pensa o “delírio modernista” crescente, mas se revestem de importantes significados estéticos e morais (cf. Freyre, 1979, 1, p. 280; 2, p. 173 *passim*).

Os insistentes elogios que faz à língua inglesa são especialmente ilustrativos do apreço de Gilberto Freyre por certos traços culturais exemplares, que contrastam com os vícios brasileiros a serem combatidos. A simplicidade, a discrição e a autenticidade do inglês têm muito a ver, segundo ele, com uma língua igualmente simples e despreziosa que apenas serve “de pretexto à alma” (Freyre, 1979, 1, p. 324). Essa “*grammarless language*” contribui em alto grau para a ausência de retórica e pedantismo de uma cultura silenciosa, mas densa e profunda. Os brasileiros, que vêem na oratória um grande valor, falam berrando e sua literatura também “parece escrita para ser lida aos berros” (Freyre, 1979, 1, p. 338). Já os ingleses e seus literatos, afirma Gilberto, não berram como os brasileiros, para encobrir suas fraquezas intelectuais; seus críticos não fazem de seu trabalho “um ofício de catar piolhos”, abrindo uma obra só para nela buscar “pronomes mal colocados” ou outras semelhantes ninharias (cf. Freyre, 1979, 1, p. 324); os cidadãos co-

muns não são acometidos pelo mesmo “furor declamatório” dos letrados, como acontece entre os brasileiros (cf. Freyre, 1979, 1, p. 338); o sabor de conversa da prosa inglesa possibilita não uma literatura brilhante, ruidosa, mas fundamentalmente superficial, como é, salvo honrosas exceções, a brasileira (e portuguesa), afirma Freyre. A sátira, a ironia e a malícia fina de um Eça de Queiroz ou Machado de Assis, de clara inspiração estrangeira, não foram ainda capazes de transformar a “psicologia da língua” portuguesa e da cultura que a acompanha (cf. Freyre, 1979, 1, p. 338; 2, p. 214). Quando em Oxford, é com surpresa e júbilo que Freyre descobre um traço cultural que, opondo-se frontalmente ao padrão brasileiro, favorece sua natureza nada afeita à retórica: “um inglês elegantemente gaguejado, a negação da perfeita fluência oratória dos latinos” é o que aqui se valoriza, diz ele. Daí que “o indivíduo de verbo fácil, fluente, não dá impressão nem de profundo de inteligência nem de sutil na cultura” (Freyre, 1975, p. 105, 107). É, pois, num “inglês esnobemente gaguejado” que, “entre goles de Port”, fala sobre o donjuanismo ibérico no Oxford Spanish Club. Os muitos aplausos recebidos só devem ter lhe confirmado a idéia de que depois de Oxford tudo o mais lhe pareceria “mesquinho”! (cf., Freyre, 1975, p. 101, 106, 110).

Além desses, o traço da cultura britânica que parece ter marcado o jovem Gilberto com grande intensidade é o da “combinação muito inglesa entre tradição e modernidade” (Freyre, 1975, p. 106, 107); ou, em termos mais gerais, o caráter conciliador dessa cultura. A habilidade inglesa “de contemporizar, harmonizar e equilibrar antagonismos” era considerada por Freyre um “dom angélico” (cf. Freyre, 1942c, p. 24). Tudo na Inglaterra, diz ele, “é compensação e equilíbrio” (Freyre, 1942c, p. 128). Lá se encontram não só as tradicionais becas esvoaçando nas modernas bicicletas, mas antagonismos de toda ordem – entre os homens, classes, raças, gerações, doutrinas, credos etc. – são sabiamente equilibrados, harmonizados. As tradições e as individualidades são igualmente respeitadas; ao lado da submissão às convenções, valoriza-se a espontaneidade criativa (cf. Freyre, 1942c, p. 66-69); poesia, filosofia e ciência coexistem em harmonia; o povo é regido pelo bom senso (que chama despretensiosamente de *common-sense*) bem como pelo misticismo e pela poesia (cf. Freyre, 1979, 2, p. 302, 303); extremos doutrinários e contradições teóricas são sabiamente conciliados em “meios-termos” (cf. Freyre, 1942c, p. 149); e não há outro lugar onde melhor se equilibrem as tendências especulativa e ativa (cf. Freyre, 1975, p. 99).

Profundamente impressionado com esse traço que considera louvável, não é improvável que ao retornar ao Brasil e “revê-lo com outros olhos” (cf. Freyre, 1975, p. 125), estivesse Gilberto predisposto a encontrar antagonismos em equilíbrio na sociedade brasileira. Nesse quadro, a miscigenação das raças – elemento central da tão poderosa e contestada ideologia freyriana¹² – apareceria, em seu pensamento, como um traço conciliador distintivo da cultura brasileira¹³.

Um encontro decisivo: Gilberto Freyre e Walter Pater

Um último ponto que importa salientar nesse estudo sobre o amor de Freyre pela Inglaterra diz respeito aos ensaístas ingleses descobertos no curso do Prof. Armstrong. Já me referi anteriormente à importância desse encontro na trajetória existencial do jovem Gilberto e à necessidade de não se descartar como irrelevantes os encontros que, aparentemente secundários, podem ter sido decisivos em sua vida. Na verdade, pode-se dizer que esses ensaístas simbolizavam, em ponto pequeno, as características inglesas que Freyre valorizava, até mesmo incorporando em suas obras a tão genial conciliação de antagonismos, própria dos ingleses. Nada de pedantismo, erudição vazia ou discursos ruidosos aí se encontravam, constata Freyre. Sem ser “doutoral” ou “bacharelesco”, o ensaísta une bom senso, poesia e filosofia no trato dos “problemas básicos do Homem e da Sociedade” (cf. Freyre, 1942c, p. 37-43; 1975, 26-27 *passim*). Vistos como secundários na hierarquia literária, os ensaístas ingleses, acredito, poderiam ser equiparados, no pensamento de Freyre, aos “marias-borracheiras da história”, isto é, aos missionários, engenheiros e artesãos britânicos estudados em sua obra pioneira, *Ingleses no Brasil*. Os ensaístas seriam tão decisivos para a formação do homem e para o alargamento de sua visão de mundo (cf. Freyre, 1975, p. 26-27 ss) – papel formador que próprio Freyre experimentara – como haviam sido para a formação do Brasil os obscuros agentes da cultura inglesa que aqui deixaram sua marca no século XIX (cf. Freyre, 1942c, p. 162).

Trata-se agora, pois, de explicitar melhor essa alegada importância, dando destaque a um dos ensaístas que penso ter despertado no jovem Freyre interesses e preocupações que permanecerão centrais. Sem negar o papel que possam ter tido outros como, por exemplo, Lamb, Carlyle, Newman ou Thackeray na trajetória de Freyre – e que deveriam merecer a atenção dos estudiosos –, o ensaísta Walter Pater representou, no meu entender, um encontro decisivo para o autor de *Casa-grande & senzala*¹⁴. A eloquência com que o jovem brasileiro se refere a ele não deixa dúvidas sobre sua importância. Tão logo o descobriu aos 18 anos em Baylor, confessa Freyre em seu diário, Pater tornou-se “parte de minha vida” (cf. Freyre, 1975, p. 46). É “nesta Oxford de Walter Pater” (cf. Freyre, 1975, p. 109-110), como Freyre dizia – e coincidentemente, como vimos, terra de sua adoção – que ele lê e relê quase toda sua obra e se deleita em imaginá-lo andando pelas ruas a se concentrar em questões estéticas e de estilo (cf. Freyre, 1975, p. 135, 110-111). (E se vê imitando-o nisso!) Seus colegas de Oxford se surpreendem com seu conhecimento sobre o ensaísta (cf. Freyre, 1975, p. 107). De volta ao Brasil, compensa sua solidão intelectual com a releitura constante de seus ensaios. “Venho relendo todo o Pater”, diz ele em 1924 (cf. Freyre, 1975, p. 135)¹⁵. Em 1927, quando já ganha o suficiente para se regalar “com a compra de livros já muito desejados”, é com euforia de criança que recebe de Londres o “Pater completo”. Era como se tivesse um velho amigo a seu lado, alegrando

seu “exílio intelectual no trópico”, confessa (cf. Freyre, 1975, p. 206-207). E, dentre os “excitantes” autores nos quais inicia conterrâneos queridos (inclusive Manoel Bandeira), “quase como em aventuras de gozo físico”, Pater é presença obrigatória (cf. Freyre, 1975, p. 154, 160, 205)¹⁶. Quando fala em estilo, beleza, verdade poética e filosófica, raramente Freyre deixa de mencionar os seus ensaios como exemplares. Se há um defeito em seu estilo, no seu “inglês helenicamente perfeito”, é o excesso, o “apuro da perfeição”, afirma (cf. Freyre, 1975, p. 110).

Em Pater é plausível supor que Gilberto Freyre tenha encontrado inspiração para dois aspectos essenciais de sua obra: o gênero ensaio, no qual expressa suas idéias, e a importância da *casa* na interpretação da cultura brasileira.

Quanto ao primeiro aspecto, importa lembrar que bem cedo Freyre se refere ao ensaio como “gênero tão nobre” e especialmente apto a exprimir, em seu característico tom de conversa, o social e o humano da história brasileira (cf. Freyre, 1975, p. 130). Sua ambição de fazer ressuscitar o passado “mais íntimo... até esse passado tornar-se carne, vida”, exigia, no seu entender, uma forma e um ritmo pouco usuais na linguagem dos escritores brasileiros (cf. Freyre, 1975, p. 176). A leitura de Pater pode ter despertado no jovem brasileiro o gosto pelo ensaio e levado-o à compreensão da filosofia da forma ensaística, objeto de discussão do escritor inglês.

Pater, como Freyre, também se preocupava em encontrar uma forma que capturasse a experiência humana na sua fluidez e complexidade. As formas de escrever, dizia ele, não são meros acidentes literários, dependentes da escolha pessoal e caprichosa do autor, mas são determinadas pelo assunto e correspondem a maneiras diferentes com que a “mente humana se relaciona com a verdade” (Pater, 1934, p. 156-157). O tratado e o ensaio, por exemplo, são formas literárias que se distinguem tanto histórica quanto funcionalmente. Enquanto o tratado, “como o instrumento da filosofia dogmática”, é o paradigma da forma fechada, o ensaio “como instrumento da dialética” é a forma aberta capaz de apreender o ambivalente, o opaco, o inarticulado, o dissonante da experiência (cf. Pater, 1934, p. 168). Para Pater, o ensaio “não é uma forma para apresentar inferências sistematicamente organizadas”, mas sim inferências e ligações que se fazem por associações mais ou menos livres e que se coadunam perfeitamente com a dubiedade e o inacabamento da experiência fugidia e da inevitável subjetividade de sua percepção (cf. Iser, 1987, p. 17-19). É, em suma, uma forma cujo método “tem algo da irregularidade, do fortuito, do ardor e da confusão da própria vida” (Pater, 1934, p. 171).

Se considerarmos a insistência com que Gilberto Freyre se refere às suas várias e volumosas obras como *ensaios*, é difícil negarmos o grande impacto da leitura e releitura de Pater no adolescente em formação. A noção de estilo, também amplamente discutida pelo autor inglês, deve ter sido de especial interesse para o jovem que ensaiava os primeiros passos na carreira literária. A relevância da imaginação no que Pater chamava de “literatura do

fato” e “literatura do sentido imaginativo do fato” era especialmente apropriada ao criativo Freyre. Poder-se-ia acreditar, diz Pater, que a imaginação é uma “intrusa” no domínio da ciência e da história, na medida em que ela ambiciona ser fiel ao fato. No entanto, “a linha dividindo fato de alguma coisa bastante diferente do fato externo é, na verdade, difícil de traçar”; toda a “literatura do fato” envolve, consciente ou inconscientemente, não só o fato mas o sentido que o autor tem dele (cf. Pater, 1910a, p. 8-9).

A defesa da liberdade do escritor em criar, sem ostentação ou pedantismo, mas a seu modo, “um vocabulário, um sistema total de composição” também deve ter soado especialmente sedutora Freyre (cf. Pater, 1910a, p. 14). Admirador de Gustave Flaubert, a quem chamava de “mártir do estilo literário”, Pater apoia sua “crença absoluta de que só existe um modo de expressar uma coisa, uma palavra para chamá-la, um adjetivo para qualificá-la, um verbo para animá-la” (citado em Pater, 1910a, p. 29). É como se houvesse uma “adaptação pré-existente” entre o mundo do pensamento e o da linguagem, ambos à espera de um encontro, de uma reunião, como de uma alma a um corpo (cf. Pater, 1910a, p. 30). A incansável busca pela palavra adequada à idéia, à “visão de dentro” não é, dizia Pater, em absoluto, um “mero capricho” dispensável, mas parte integrante da “arquitetura literária”, que, por sua vez, é inseparável do assunto, do conteúdo do discurso (Pater, 1910a, p. 23, 36). Esse conglomerado, lembra Pater, não é, no entanto, passível de uma análise rígida, convencional. “Efeito de uma intuitiva condição da mente, deve ser reconhecido por intuição semelhante da parte do leitor”, por aqueles que são, enfim, tão sensíveis quanto se pode ser à “região evanescente e delicada da linguagem humana” (cf. Pater, 1910a, p. 33, 36). Considerando a música como a “arte perfeita”, a literatura seria tão mais perfeita quanto mais nela, como na música, fosse impossível se distinguir a forma da substância, o assunto da expressão (cf. Pater, 1910a, p. 37-38).

A ressonância na obra de Gilberto Freyre da discussão de Pater sobre a importância, as dificuldades e as potencialidades da linguagem, deve parecer inegável aos seus estudiosos. Desde cedo ele se preocupava com essas questões e, apesar dos rasgados elogios que recebia por seu talento e habilidade linguística, se angustiava com a possibilidade de fracassar, de não passar de uma grande promessa (cf. Freyre, 1975, p. 77, 93). E fracassar seria, segundo ele, não se tornar um escritor pleno, que é “o que escreve, dançando como que ao som de uma música que somente ele ouviu: com ritmo, com... eurrítmia” (Freyre, 1975, p. 34). O vívido relato de Pater sobre as ansiedades do grande Flaubert, levado quase ao desespero pela dificuldade de traduzir em palavras o que sentia interiormente, deve ter confortado o inquieto literato pernambucano. “Estou ficando muito impaciente com minha escrita”, diz Flaubert. “Sinto-me como um homem cujo ouvido é excelente mas que toca horripelmente o violino: seus dedos se recusam a reproduzir exatamente aqueles sons que tão bem sente por dentro” (citado em Pater, 1910a, p. 33).

A leitura e releitura que Freyre fez de Pater, completada, como vimos,

com a valorização que Oxford lhe dispensava, deve ter, pois, muito provavelmente, reforçado suas tendências intelectuais, lhe dado sugestões valiosas e o estimulado a ensaiar novos caminhos. É com imensa satisfação que, em 1925, Freyre se dá conta de que seus esforços de desenvolver um estilo estavam sendo recompensados e que os elevados prognósticos de Armstrong se concretizavam, apesar da sua obstinação em escrever na “obscura língua portuguesa”. Sentia que estava, enfim, criando uma nova forma, um novo ritmo (cf. Freyre, 1975, p. 110-111, 176-177)¹⁷. Restava agora se decidir, finalmente, pelo tema que deveria nortear seu trabalho intelectual.

É neste ponto que acredito poder localizar a segunda grande influência de Pater no Gilberto Freyre que hoje conhecemos. Já de volta ao Brasil, ele certa vez se referiu, elogiosamente, à idéia, defendida por Pater e outros, do processo cultural como apropriação do que é “congenial com o nosso ‘eu’”. O critério de seleção face a outras culturas deveria ser empático e envolver “esforço íntimo” e criatividade. “Somos diante dos outros e diante das coisas e diante das idéias um poeta à procura de rimas”, comenta Freyre num estilo já bem seu (cf. Freyre, 1979, II, p. 359-360). É exatamente esse, no meu entender, o caso de Freyre em relação ao ensaio de Pater intitulado *The child in the house*, originalmente publicado na *Macmillan's Magazine* de agosto de 1878.

O fato de Freyre, ao que tudo indica, ter mencionado este trabalho uma única vez, e tardiamente, não altera, no meu entender, a importância que ele deve ter tido na trajetória cultural do autor de *Casa-grande & senzala*¹⁸; pelo contrário, só sugere que a congenialidade era tanta que, nesse ponto, Pater se tornava, de fato, “parte” de sua vida, como Freyre confessou (cf. Freyre, 1975, p. 46)¹⁹. Ele reconhecia sua dívida para com O. Spengler e G. Schmöller, os primeiros a apontarem o valor da casa como fonte para a história social de um povo²⁰; no entanto, a influência de Pater provavelmente estava num nível mais profundo e inconsciente, como elemento indissociável de seu eu²¹.

The child in the house, considerado por Pater como origem de toda sua “obra imaginativa” (citado em Buckler, 1987, p. 187), narra o reencontro de Florian Deleal com seu passado e sua busca pelos “pequenos acidentes” que determinaram o homem que ele se tornou. O conto começa com um pequeno incidente numa “tarde muito quente”, quando Florian, andando por uma estrada, se compadece de um “pobre homem velho” muito cansado. Ao ajudá-lo com sua carga por um certa distância e ouvir “sua estória”, Florian descobre que ambos tinham o mesmo lugar de origem. Naquela mesma noite, como uma espécie de “recompensa por seu compadecimento”, ele tem um sonho que lhe descortina com grande clareza o “verdadeiro aspecto” do lugar onde nascera, e “especialmente da casa” onde crescera, mas de onde há muito se afastara (Pater, 1910b, p. 172)²².

A visão reconfortante de suas portas, janelas, lareiras, e até o perfume do jardim da “velha casa” que pudera sentir em sonho, determinaram que, ao acordar, Florian tomasse a decisão de recuperar a história de sua

formação; ou, como Pater formulou, “o processo de construção mental pelo qual nós somos, cada um de nós, o que somos” (Pater, 1910b, p. 172-173). Com a imagem ainda vívida da casa onde crescera, Florian viu então uma criança se movendo por entre as paredes de lambris antigos, subindo pelas escadarias, vagando pelo grande sótão repleto de maravilhas a serem exploradas, e pode então perceber que ele devia a este lugar muito de seus sentimentos e pensamentos (Pater, 1910b, p. 173-175). Sua alma fora aos poucos sendo tecida interna e externamente com elementos espirituais e materiais que se entrelaçavam numa “textura inextricável” (Pater, 1910b, p. 173). O que no seu “complexo hábito espiritual” lhe parecera, por tanto tempo, tão natural, tão parte da natureza das coisas, Florian descobre como sendo o resultado das múltiplas experiências infantis vividas junto de sua família – do pai latinista e da mãe que o ensinara a ler – na “velha casa” nos arredores da cidade (Pater, 1910b, p. 176).

Que a experiência de Florian não se esgota no seu caso particular, mas é representativa da experiência humana, fica evidente em vários trechos do conto em que o narrador o mostra compreendendo a complexidade da vida a partir de sua própria individualidade. “Quão insignificantes, no momento, parecem as influências das coisas sensíveis que são lançadas e caem sobre nós, de algum modo, no ambiente de nossa primeira infância. Quão indelevelmente, depois descobrimos, elas nos afetam”. Gradual e irrevogavelmente elas se imprimem nas nossas almas, como em uma “cera mole” ou um “papel em branco” (Pater, 1910b, p. 177). Além das formas de pensar e sentir que “para sempre habitarão conosco”, diz o narrador, esse processo de “construção mental” faz também com que se desenvolva “um sentido de casa especialmente forte”, que constitui “um motivo muito poderoso para todos nós”. Tornando-se uma espécie de “relicário material ou santuário do sentimento”, a casa onde crescemos se impõe como um “simbolismo vivo” que se entrelaça “em todos os nossos pensamentos e paixões” (cf. Pater, 1910b, p. 178-179). Nosso relacionamento com o mundo estará para sempre marcado pelas primeiras experiências que lá vivemos; as idéias de segurança e harmonia estando eternamente ligadas à casa, sentimentos de nostalgia e incerteza são o preço para os que dela se afastam (Pater, 1910b, p. 179-181). No caso de Florian, a antiga familiaridade com belos objetos e a admiração pelo mundo sensível ao seu redor (como, por exemplo, os belos vasos chineses, a fina porcelana no armário antigo, o quadro de Watteau, o perfume da flores rubras), foram determinantes no seu intenso “desejo de beleza física”, seu medo da morte e em seu “esquema intelectual” que dava muito peso ao mundo sensível e pouco às “abstrações sombrias, irrealis” (cf. Pater, 1910b, p. 189-190, 186-187 ss).

É impossível, no meu entender, não reconhecer no Gilberto Freyre que conhecemos repercussões da estória de Florian e das reflexões sobre a experiência humana que ela contém. Sua decisão de voltar ao Brasil e aí tentar sua sorte literária, bem como a escolha da *casa* como tema norteador de sua interpretação da cultura brasileira foram, muito provavelmente, influenciadas

pela leitura do conto de W. Pater. Quando, após ser tentado a ficar nos Estados Unidos e Inglaterra (pela promessa de sucesso literário como um “novo Conrad” ou “novo Vives”), resolve voltar ao Brasil, revela consciência de que os motivos psíquicos e sentimentais, mais do que os intelectuais, deveriam prevalecer em sua decisão: “já venho sentindo a força dos limites das fronteiras, das origens”, diz ele. “O que me faz querer reintegrar-me no Brasil não é um senso puritano de dever mas uma necessidade de ser, ou desejar ser, autêntico, na minha condição de homem; e temo que, fora do Brasil, eu me sentisse postiço ou artificial, mesmo que o triunfo me consagrasse” (Freyre, 1975, p. 97)²³. Que cada um fique “o mais possível no lugar onde nasceu. Nada de muita emenda ao soneto da vida”, diz o poético Freyre, já de volta ao seu torrão natal (cf. Freyre, 1975, p. 192). Quando ainda em Nova Iorque, mas aspirando, provavelmente, produzir um obra interpretativa de toda uma cultura, ele afirma, vividamente, que só se considera capaz de compreender profundamente seu próprio país: “é a terra brasileira que me considero com o direito de possuir plenamente, completamente, como um macho a uma fêmea, com todas as forças de que sou capaz” (Freyre, 1975, p. 73).

A solidão intelectual que já sentia antes de se afastar do Brasil, em 1918, só iria se acirrar com sua experiência no exterior. Tão logo voltou, acusado por “artigos e artiguetes” pernambucanos (injustamente, acredita) de “estrangeirado”, “exótico”, “meteco”, reconhece que se seu ajustamento intelectual era “quase impossível”, sentimentalmente sua “restituição” fora mais rápida (cf. Freyre, 1975, p. 128, 134). Para se reintegrar “completamente” no país sentia que precisava, no entanto, atolar-se “na sua carne e no seu massapê” e se afastar, o mais possível, de seu “intenso passado” inglês (e parisiense). Que este “seja um tempo que morra de todo, a não ser como vaga recordação sentimental”, diz o melancólico jovem. É como se seu amor pela Inglaterra fosse tanto que para poder sobreviver longe dela e se reintegrar ao Brasil houvesse necessidade de um rompimento bem drástico. Não responde aos amigos, “sobretudo aos de Oxford”, que lhe escrevem, e seu apego às roupas inglesas que usa “heroicamente” no seu Recife tropical, aos “bifes à inglesa, ao carneiro assado à inglesa” e à bicicleta Raleigh, “inglesa como ela só”, dão um pequeno consolo às suas saudades (cf. Freyre, 1975, p. 134, 149, 156, 162, 221)²⁴. Talvez o movimento regionalista que liderou em 1925-26 fizesse parte das estratégias de acomodação de Freyre à terra brasileira. Para se atolar “na sua carne e no seu massapê”, nada melhor, talvez, do que se embeber nas suas tradições e cultivar o que de bom havia em sua região²⁵.

Assim que aqui chegou, como que num primeiro passo para se atolar na “carne e no massapê” brasileiros, quis rever o engenho São Severino dos Ramos, “a casa grande & senzala” de sua “meninice” que, fica sabendo, “estava aquilo mesmo” (Freyre, 1975, p. 126). Há já algum tempo Freyre manifestara seu desejo de buscar no relacionamento do menino com o brinquedo a origem do futuro homem (cf. Freyre, 1975, p. 54, 59-60, 76). É de se imaginar que seu encontro com Pater tenha determinado a substituição do brin-

quedo pela *casa* como elemento central e mais totalizante para a compreensão da história do homem. E, nesse caso, a recuperação de suas próprias experiências infantis na velha casa do engenho de sua meninice talvez representasse o início do livro inédito, “trabalho quase secreto”, que pretendia escrever: “uma espécie de autobiografia ou de memórias de um indivíduo estendidas em histórias ou em memórias de todos os meninos do Brasil” (cf. Freyre, 1975, p. 197, 221, 248)²⁶.

Reviver o “drama da formação brasileira”, lembrou Freyre em sua primeira grande obra de 1933, implica “uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos”. O passado que assim se recupera “é um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um” (Freyre, 1963, p. 21). A partir de *Casa-grande & senzala*, Gilberto Freyre, como se sabe, nunca cansou de afirmar e reafirmar a importância psico-sociológica da casa na formação do Brasil, e, em especial, da casa-grande no caráter patriarcal da sociedade brasileira. E deixou sempre muito claro que iniciara o estudo deste tema – “da casa em suas relações com a pessoa, por um lado, e com o todo social, por outro” – a partir de um impulso “introspectivo, auto-analítico e até autobiográfico”, que se desdobrara em análise social (cf. Freyre, 1971, p. 12). Mais do que à inspiração proustiana e freudiana (que Freyre reconhecia), é, pois, plausível pensarmos que a “viagem mental” (“mental journey”) de Florian em busca da história de sua formação e a descoberta da importância de sua “velha casa” no homem que ele se tornou foram as primeiras e mais profundas forças motivadoras da obra de Gilberto Freyre. Paradoxalmente, pois, aquela experiência inglesa que o jovem Freyre quisera que morresse “de todo”, a fim de tornar possível sua reintegração ao Brasil, permaneceu muito viva no “sentido de casa especialmente forte” que um inglês de Oxford lhe revelara como “um motivo muito poderoso para todos nós” (Pater, 1910b, p. 178-179). Enfim, o gênero ensaio e o tema da *casa* teriam permanecido como marcas indelévels do amor de Freyre pela Inglaterra, apesar de seu planejado rompimento com aquele período idílico de sua vida. Afinal, se, como ele confessara, o ensaísta Pater se tornara “parte” de sua vida, romper com o que ele lhe ensinara teria significado romper consigo mesmo (cf. Freyre, 1975, p. 46). Na verdade, pode-se dizer que aquele tema e aquela forma de certo modo estabeleciam um elo entre dois amores de Freyre: o amor pela terra de Pater e Mr. Williams e o amor pela terra de seus ancestrais.

O amor não correspondido: a indiferença da intelectualidade inglesa

A brevidade dessa segunda parte – sobre o amor não correspondido – está na direta proporção da relativa indiferença da Inglaterra para com a obra de Gilberto Freyre. Contrastando com os rasgados elogios que ele recebeu de franceses e norte-americanos de renome (como F. Braudel, L. Febvre, S. Putnam, George Gurvitch, Roland Barthes, Roger Bastide, John dos Passos,

F. Tannenbaum), os intelectuais ingleses permaneceram, na grande maioria, totalmente alheios à obra desse enamorado da cultura britânica. Curiosamente, nem mesmo sua pioneira obra *Ingleses no Brasil*, que poderia ter suscitado interesse, mereceu a atenção dos editores e permanece até hoje inacessível aos leitores ingleses. Não cabe aqui, nos limites deste artigo, especular sobre as razões desse descaso, mas sim apresentar um intelectual inglês que se destaca pelo grande apreço que tem pela obra de Freyre: Asa Briggs, ou melhor, Lord Briggs.

Explorarmos um pouco a opinião que este historiador inglês – o maior especialista vivo sobre a Inglaterra vitoriana – tem de Gilberto Freyre, pode ajudar a esclarecer o enigma da inusitada atração que ele exerceu sobre a alta intelectualidade estrangeira, apesar das fraquezas teóricas apontadas pelos críticos brasileiros.

Como se sabe, Freyre é, para muitos de nossos intelectuais, uma figura desconcertante. De um lado, é apontado como o maior responsável pela elaboração e difusão de um poderoso sistema ideológico que, em nome de uma pretensa harmonia social, elimina as contradições do processo histórico brasileiro. Ideólogo mestre, cujo sucesso se deve, paradoxalmente, à sua habilidade de relativizar conceitos, de trabalhar com indefinições e de manipular informações, a Gilberto Freyre devemos o mito de um Brasil exemplarmente miscigenado, socialmente democrático (cf. Mota, 1994, p. 53-73; Lima, 1989, p. 187-238; Araújo, 1994). De outro, é, sem sombra de dúvida, um dos pensadores brasileiros que mais tem merecido o respeito de intelectuais estrangeiros de envergadura, que parecem alheios às suas aclamadas inconsistências teóricas. Se, como já se afirmou, sua celebridade no Brasil se explicaria por ter forjado um mito sobre nossa formação que nos é simpático e confortante (cf. Lima, 1989, p. 235-236), como explicar, no entanto, que figuras lúcidas e desinteressadas, como Barthes, Febvre ou Braudel, se tenham deixado cair no engodo dessa ideologia? Supor que elas tenham tido seus entendimentos “ofuscados”, “embaçados” ou “anestesiados” pela verve de Freyre, como seus críticos apontaram, se não são suposições implausíveis, ao menos fecham prematuramente uma discussão que, eventualmente, pode ser enriquecedora. Deixando de lado a questão da exacerbada vaidade de Freyre (que parece ter incomodado tantos estudiosos), importa, no entanto, refletirmos sobre o que no seu pensamento foi tomado como paradigma²⁷.

Nessa linha, é interessante notar que a louvação que Freyre recebeu de muitos estrangeiros não foi justificada pelo pitoresco ou exótico que ele revelava de uma país tropical. Se sua obra é vista como exemplar, não o é, necessariamente, pelo modelo de miscigenação cultural que ela parece revelar²⁸. Barthes, por exemplo, ao considerar Freyre superior a Marc Bloch e Lucien Febvre, o louva por ter, mais do que ninguém, talvez, apresentado o homem histórico “sem o desprender do seu corpo vivo”. G. Balandier se refere à sua contribuição inédita à “sociologia da vida cotidiana” como sendo o resultado de um método único e pioneiro “que escapa a todo conformismo acadêmico”

(cf. Barthes, 1962, p. 569-570). Sua linguagem – aquela “melodia anestesiante” segundo um crítico brasileiro (cf. Lima, 1989, p. 233) – chega a ser considerada pelo entusiasta Tannenbaum como superior à de Proust, por ser “mais robusta, mais vívida e envolvente” (Freyre, 1963, p. X).

Como nesses casos, Asa Briggs, sem desconhecer as críticas à “fluidez conceitual” (cf. Lima, 1989, p. 216, 221) e às inconsistências teórico-metodológicas do pensamento de Freyre, se mostra especialmente cativado pelo que nele vê de original, pioneiro e de inspirador para se “decodificar” a experiência passada de outras sociedades (Briggs, 1985, 2, p. 272). Equiparando Freyre a Bloch e Febvre, o historiador britânico buscava, nos anos 80, um modelo para a história social que então escrevia; e o encontra no autor pernambucano e não, como se poderia imaginar, na clássica *Social history of England* do inglês Trevelyan. As considerações de Briggs sobre o autor de *Casa-grande & senzala* se revestem de grande interesse por ser ele um especialista da Inglaterra vitoriana, sociedade que pouco ou nada tinha em comum com o Brasil que Freyre estudava.

Foi no Caribe, no *Centre of Multiracial Studies*, e não na Inglaterra que, no início dos anos 60, Briggs descobriu Freyre, de quem viria a se tornar amigo. Mas não foi o tema da miscigenação cultural que o atraiu. Foram a valorização dos objetos como testemunhas, o senso do espaço, a poesia do espaço, a aguda sensibilidade aos cheiros, barulhos, cores, formas e as idéias de tempo de Freyre que exerceram sobre ele imediata atração.

Por temperamento e experiência o pensador pernambucano estava, segundo Briggs, predisposto a ver na harmonia social a chave para a unidade de um período. É verdade que sua “flexibilidade” conceitual e o estilo criativo de escrever, às vezes vago e associativo, o impediam de ser um sociólogo ou psicólogo-social convencional. Mas, se não era sociológica e psicologicamente sofisticado, era “sociologicamente consciente” e “psicologicamente consciente” o suficiente para buscar continuidades na história brasileira e procurar entender as profundas motivações de seus personagens²⁹.

Não há dúvida, segundo Briggs, de que “a imaginação e sensibilidade” dos estudiosos não-brasileiros foram enriquecidas com o trabalho de Freyre. Se ele e Trevelyan tinham pontos em comum, especialmente no seu empenho de fundir ciência e arte, o pensador pernambucano era mais sofisticado do que o inglês³⁰. Sua metodologia, afirma Briggs com veemência, “tem relevância para historiadores de sociedades muito diferentes do Brasil”. Seu inegável mérito foi ter revelado que a “verdadeira história social é sobre relações”. A história escrita por ele, diz Briggs, revela um profissional com “solidariedades mais amplas”, que se empenha em mostrar não só o superior ou o inferior na escala social, o senhor ou o escravo, a mulher ou o homem, mas todos os grupos sociais em relação. Ora, essa abordagem cultural, lembra o historiador britânico, era nova nos anos 30 e continuava válida nos anos 80, marcados pelo desenvolvimento, às vezes exacerbado, da chamada história dos vencidos. A história social da Inglaterra, um país que durante três séculos

estivera atrelado a um “império de muitas cores”, se manteve por muito tempo “a história de um país de homem branco”. A leitura de Freyre, confessa, lhe sugerira, vividamente, que a história britânica era muito mais complexa e exigia um esforço de penetrar nas mentalidades de diferentes grupos: de camponeses e operários tanto quanto de senhores de terra, industriais, não deixando de lado até mesmo os reis, rainhas, parlamentares etc. (cf. Briggs, 1985, p. 287)³¹.

Falando do especial apego de Freyre à Inglaterra, em geral, e a Oxford, em particular, Briggs enfatizou um aspecto que parece especialmente significativo para se entender muitas de suas características e até mesmo sua atração por W. Pater. “Ele era muito, muito consciente das coisas belas, era levado por elas”, diz Briggs. Oxford, por exemplo, deve tê-lo cativado por razões estéticas: por ser um lugar onde “o novo flui dentro de um velho quadro”, por sua belas paisagens, por seus prédios antigos, pelos belos cisnes nos lagos, pela sua distância das cinzentas cidades industriais. “Penso que não se pode entender Freyre sem se perceber quão importante era sua relação com a beleza”, diz Briggs. Sendo Pater um “filósofo da beleza”, é fácil, pois, entender seu entusiasmo por ele³².

Em 1966, Freyre recebeu o que parece ter sido a primeira (e talvez única) homenagem intelectual que a Inglaterra lhe prestou: o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Sussex. Seguramente, essa deferência deve ter aplacado algum ressentimento que porventura ele tivesse pela indiferença dos intelectuais ingleses em relação a seu trabalho. É provável que pensasse que tal gesto era representativo de um interesse mais amplo do país que tanto admirava. No entanto, nem o historiador Boxer³³, nem outros intelectuais ingleses estavam por trás dessa iniciativa. O gesto era, na verdade, uma homenagem particular do então reitor da Universidade de Sussex, Asa Briggs, ao brasileiro que amava a Inglaterra, havia aprendido muito com ela, tinha importantes contribuições a dar, em retorno, e que merecia, no seu entender, uma especial manifestação de apreço³⁴.

É possível, no entanto, que Gilberto Freyre jamais tivesse experimentado qualquer ressentimento em relação aos ingleses. Como acontece com os apaixonados, pode-se pensar que os olhos de Freyre, “turvados” pelo amor que sentia, como uma vez confessou (cf. Freyre, 1942a, p. 21), nunca quisessem ver algo que pudesse abalar seu apego à terra do seu “querido inglês Mr. Williams”³⁵. Ou talvez o reconhecimento de sua obra madura por parte dos intelectuais ingleses fosse uma coisa para sempre dispensável. Considerando a ampla valorização de que se sentira alvo em Oxford, é possível que Freyre se sentisse eternamente grato (e mesmo devedor) àqueles ingleses que, com grande antecipação, haviam apostado em sua brilhante carreira³⁶.

Notas:

- ¹ Esse resgate, especialmente no segundo livro, é feito trazendo à luz o que Freyre chama de “marias-borracheiras da história”, ou seja, os comerciantes, técnicos, maquinistas, foguistas, missionários, artistas, etc., que, segundo ele, foram tão ou mais importantes para a aproximação e interpenetração das diferentes culturas do que as figuras ilustres e conhecidas (cf. Freyre, 1948, p. 39 ss).
- ² O próprio Freyre, fazendo um retrospecto de sua vida, em 1978, considera claramente que o contacto que teve na Europa com modos “de pensar, de sentir, de viver, de escrever, de pintar”, e modos “nada portugueses”, foram determinantes no Gilberto Freyre que se tornou (cf. Freyre, 1979, Introdução, p. 28).
- ³ Não acredito que signifique “cair no vício do biografismo”, criticado por C. G. Mota, buscar muito antes do Congresso Regionalista organizado por Freyre, em 1926, momentos significativos da trajetória de Freyre (cf. Mota, 1994, p. 60).
- ⁴ Em pelo menos uma ocasião, Freyre se refere à Espanha como outro objeto de seu amor. Inglaterra e Espanha são, diz ele, “dois dos meus maiores amores” (cf. 1975, p. 110). Sua admiração pelos místicos espanhóis é também muitas vezes reiterada pelo jovem Freyre (cf. 1975, p.135, 137 e *passim*).
- ⁵ Sobre a prolongada ligação de Freyre com Armstrong ao longo dos anos, ver Chacon (1993, p. 66-71).
- ⁶ Em 1924, já de volta a Recife, Freyre lamenta no *Diário de Pernambuco* a morte de Joseph Conrad, o romancista ucraniano criado na Austria que “realizou este milagre: o de dominar como a uma massa de cera um idioma que nem parente – a não ser muito longe – é do seu” (1979, 2, p. 56-57).
- ⁷ Bem mais tarde, em 1977, essa maior afinidade com a Europa seria novamente afirmada (cf. Freyre, 1977, p. 36).
- ⁸ Sua ligação com Amy Lowell fora tanta que teria provocado, entre os estudantes, o boato de que a poetisa o adotara como amante (cf. Freyre, 1975, p.75).
- ⁹ Essa expressão foi empregada por Mota para se referir ao quadro social e mental do qual o pensamento de Freyre é tributário.
- ¹⁰ Oxford e Cambridge, dizia Freyre, eram centros “de arte da amizade”.
- ¹¹ É interessante lembrar que Freyre louvava os periódicos costumbristas, no estilo de *O Carapuceiro*, que haviam sido “uma grande força de disciplina e crítica social no Recife”. O padre Carapuceiro, o beneditino Miguel do Sacramento Lopes Gama, chega a ser descrito como “um dos escritores mais interessantes que ainda teve o Brasil”; e Freyre lamenta o desaparecimento deste tipo de literatura (1979, 2, p. 52, 225).
- ¹² Ideologia de grande força desenvolvida primeiramente na sua obra de 1933, *Casa-grande & senzala*, onde uma confortável (e mistificadora, segundo os críticos) visão da sociedade brasileira é exposta.
- ¹³ Sobre a valorização do traço conciliador britânico e o esforço de encontrar no Brasil algo semelhante, é bastante eloquente a conferência proferida por Freyre em 1946 em Belo Horizonte, *Ordem, liberdade, mineiridade* (cf. 1965, p. 22-40). Defendendo a necessidade do país contemporizar e equilibrar seus antagonismos e considerando a tradição conciliadora mineira, Freyre confere à Minas Gerais o papel de ser “nossa Grã-Bretanha”, e conciliar ordem com liberdade (agradeço ao Prof. Antonio Dimas por ter chamado minha atenção para esse texto). Sobre esse tema, ver também R. Benzaquem de Araujo (1994) argumentar que o afã de equilibrar antagonismos, de “dar um caráter não contraditório às diferenças”, é central para a compreensão de *Casa-grande & senzala*.
- ¹⁴ Outra figura das letras britânicas que exerceu grande atração no jovem Freyre foi George Gissing. Orgulhoso de tê-lo descoberto por seu “próprio faro”, “esse secundário escondido atrás dos grandes” tornou-se um dos autores “secretos” que Freyre guardava para o seu “exclusivo regalo”. Estudar os efeitos desse encontro parece também algo bastante promissor.

- ¹⁵ Freyre se sente perdido no mundo intelectual brasileiro. Sente-se “um místico, um introspectivo, sempre inquieto”, num mundo que lhe é estranho; num mundo “que não é, como mundo intelectual, o meu”, confessa (1975, p. 238).
- ¹⁶ Ao lado de Newman, Melville, Joyce, George More, Havelock Ellis e Bertrand Russell, o ensaísta inglês é fonte de excitação e “prazer”, diz Freyre em sua peculiar linguagem sexualizada (1975, p.154).
- ¹⁷ No prefácio à segunda edição (1934) de *Casa-grande & senzala*, Freyre se refere à sua linguagem como sendo “de reação, é possível que exagerada, aos pedantismos de erudição científica, de terminologia técnica, de correção gramatical à portuguesa e de estilo”. Diferentemente das ciências naturais, as sociais deveriam humanizar sua linguagem: “o ensaio de Sociologia, de Antropologia, de História Social, tem a sua própria linguagem; não está obrigado a limitar-se à noção de terminologia exata de outras ciências, despreocupadas dos valores humanos”. L. Febvre, no prefácio à edição francesa de *Casa-grande & senzala* (1953), se refere ao “ritmo próprio” de Freyre, que “desdenha os ritmos ortodoxos”.
- ¹⁸ Prefácio à 1ª edição em língua portuguesa (1963) de Freyre (1977, p. 24). É interessante notar que Virginia Woolf também já foi apontada como uma discípula de Pater. No entanto, por uma série de razões – talvez mesmo a notória misoginia do filósofo de Oxford – ela jamais reconheceu sua dívida para como seu mentor (cf. Meisel, 1980).
- ¹⁹ Há, referências específicas a outras obras de Pater em Freyre, como *Plato and Platonism* e *Marius, the Epicurean*.
- ²⁰ Prefácio à 1ª edição (1933) de Freyre (1963, p. 9) prefácio à 1ª edição (1936).
- ²¹ Nesse texto da *Macmillan's Magazine*, Freyre localiza a inspiração para o seu gosto “por encontrar-se a si mesmo nos seus avós, nos seus antepassados, nos brasileiros de uma época anterior à sua e à dos seus pais”, gosto que iria já se manifestar na tese defendida na Universidade Columbia em 1922. Não parece ter, entretanto, consciência da importância do mesmo texto para a valorização da casa como elemento central para a compreensão da história do homem, tal como se evidencia em toda sua obra a partir da década de 30.
- ²² O conto, cujo título original era *The house and the child*, deveria, segundo desejo do autor, ser publicado anonimamente. Por sugestão do editor, foi publicado, no entanto, sob novo título e com assinatura do autor. A intenção de Pater era que a história de Florian fosse lida pelo leitor da mesma forma que um observador admira um retrato, ou seja, que começasse a especular sobre o modelo, perguntando: “o que aconteceu com ele” (cf. Evans, 1970, p. 29).
- ²³ Oliveira Lima, radicado então em Washington, é um dos brasileiros que também insiste para que o jovem pernambucano permaneça no estrangeiro. “Seus pulmões precisam de outro ar para respirar. O seu meio há de ser aqui”, diz ele em carta a Freyre (já vivendo em Nova Iorque) de 1922 (cf. Freyre, 1975, p. 73).
- ²⁴ Às vezes Freyre parece arrepende-se da decisão tomada. “A verdade”, diz ele em 1929, “é que me sinto um místico, um introspectivo, sempre inquieto, perdido num mundo brasileiro que não é, como mundo intelectual, o meu; e a jogar fora oportunidades pelas quais quase todos os homens de minha idade dariam os cabelos da cabeça e até os olhos. Os próprios olhos. Alguns, mais do que isto” (Freyre, 1975, p. 238).
- ²⁵ Sobre o ensaísmo sociológico de Freyre e sua expansão para o culto dos valores da sociedade patriarcal, cf. Alfredo Bosi (1994, Cap. VIII).
- ²⁶ A planejada “História da vida de menino no Brasil” seria o resultado de “nova técnica ou nova combinação de métodos – o antropológico baseado no psicológico, o histórico social alongado no sociológico – para a captação e a revelação de um social total”. Se fosse bem sucedido nisso, Freyre considera que teria “realizado façanha semelhante à de Santos Dumont. Serei outro brasileiro inventor de nova técnica de domínio do homem sobre problema que continua fechado aos homens de ciência: o da análise e sobretudo revelação do social, por métodos que alcançam o assunto em sua totalidade indivisível de vida e de tempo” (Freyre, 1975, p. 222). Ao recusar a cátedra de Sociologia na Escola Normal de Recife, ele confessa em seu diário que os pensadores-poetas, pensadores-filósofos, pensadores-ensaístas e pensadores místicos que admira fazem os “antropólogos e

sociólogos apenas científicos” parecerem “sacristães que ajudam a celebração das missas. Entendem somente de meia-missa”. Sem repudiar a formação antropológica, sociológica, histórica e propriamente científica que recebeu, gostaria, diz ele, de produzir não obra mais sistemática ou “de pura realização científica”, mas, sim, “obra de escritor que se sirva de sua formação em parte científica, em parte humanística” (Freyre, 1975, p. 219).

- ²⁷ “Como eu”, disse Darcy Ribeiro de Freyre “ele gosta que se enrosca de si mesmo. Saboreia elogios como a bombons, confessa” (Ribeiro, 1977). Acredito que seria humanamente impossível esperar que alguém não se envaselhasse com os elogios que Freyre recebeu de um Braudel, Barthes ou Tannenbaum, para citar apenas alguns. A importância de sua obra é tanta, diz Tannenbaum, que, no futuro, a história do Brasil será dividida “em duas partes: antes e depois de Gilberto Freyre” (Tannenbaum, 1963, p.VII); a obra de Freyre, diz Barthes, é tão inovadora “que importa na quase realização da quadratura do círculo dos historiadores, o ponto último da investigação histórica” (Barthes, 1962, p. 569). Braudel, que afirmara ser Freyre “o mais lúcido dos escritores brasileiros”, o colocava ao lado de outros autores importantes e explicava a relevância de seus livros a seus alunos da Sorbonne (cf. depoimento de Marc Ferro in Daix, 1995, p. 220). A editora Gallimard apresentou a edição francesa de *Casa-grande & senzala* como “livro da mesma categoria de *Guerra e paz*, de Tolstói”.
- ²⁸ Reconhecendo que o relacionamento entre as raças no Brasil não é tão harmonioso como Freyre afirmara, David H.P. Maybury-Lewis afirma, no entanto, que o entusiasmo com que *Casa-grande & senzala* foi recebido nos Estados Unidos, em 1946, se explica por ele ter dito a “um público angustiado” com o “racismo institucionalizado” vigente, “algo que ele queria ouvir”: que “as coisas não tinham que ser assim” (1986, p. lxxxvi-lxxxvii).
- ²⁹ As considerações acima se baseiam em entrevista com Lord Briggs, em julho e outubro de 96, e publicada, em parte, no jornal *O Estado de S. Paulo* de 4/01/97 (Cultura, p. 12-13). Referindo-se às críticas sobre a “fluidez conceitual” de Freyre, Briggs comentou que uma alternativa a isso é, em geral, “rigidez conceitual”, tão ou mais criticável que a primeira. “Aqueles que o criticam por sua fragilidade ou flexibilidade conceitual estão muitas vezes pensando a partir de um quadro marxista de vários tipos e são, eles próprios, presos a conceitos que os encorajam a procurar conflito”.
- ³⁰ Coincidentemente, em grande foto emoldurada que se encontra em sua casa de Apicucos, aparece o livro de Trevelyan, *Social history of England*, no chão, ao lado da poltrona onde Freyre está a ler (cf. depoimento de Peter Burke após visita a Apicucos em maio de 1995).
- ³¹ Por sua iniciativa, a recém-fundada Universidade de Sussex tinha um curso obrigatório de “base de história”, que envolvia o estudo detalhado de “um grande livro, como *The masters and the slaves* ou *The mansions and the shanties*” (Briggs, 1985, p. 283).
- ³² Entrevista de Lord Briggs (vide nota 29 acima).
- ³³ Autor de importantes obras sobre Portugal e o Brasil, como *O império colonial português: 1415-1815*; *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*; *The golden age of Brazil, 1695-1750: Growing pains of a colonial society*; *Race relations in the Portuguese colonial empire*. Em pelo menos uma ocasião Freyre faz referências às críticas de Boxer a suas idéias ousadas e pouco convencionais (cf. Freyre, 1977, p. 27, 32).
- ³⁴ Entrevista de Lord Briggs, julho 1996. O veredicto de Asa Briggs sobre a fama de Freyre é que, mesmo considerando sua louvação fora da Inglaterra, “ele não é tão importante quanto deveria ser”. Com exceção de alguns norte-americanos, poucas são as pessoas que, no seu entender, “leram genuinamente e bastante Freyre”. Uma das razões, ele supõe, é que “ele não é facilmente relacionado a uma escola ou mesmo a uma tradição historiográfica”. E isso confunde, inquieta e afasta seus eventuais leitores.
- ³⁵ Em duas ocasiões, ao menos, ao se desapontar com o comportamento de ingleses, a reação de Freyre é reveladora de sua idealização do inglês como sendo pessoa de sólido caráter: os vícios só poderiam se dever à influência corruptora do meio brasileiro (cf. Freyre, 1975, p. 232-233). Uma eloqüente demonstração da relativa cegueira de Freyre quando se trata de britânicos é a referência elogiosa que faz a Ulick Ralph Burke (cf. Freyre, 1961). Lembrando como um viajante que fez “rasgados elogios” ao Recife, Freyre parece não se dar conta que dentre todos os que falaram sobre o Brasil, Burke é um dos

que mais parece ter detestado o país: é verdade que os brasileiros sabem fazer deliciosos rissoles e croquetes, diz Burke, mas fora isso são “maçantes”, sem cultura ou energia, a língua é feia, as camas são desconfortáveis, o Rio é a capital menos civilizada que viu, e as mulheres não só são entediantes como feias! (cf. Burke, 1884).

³⁶ *Oxford*

Revejo Oxford
Volto à adolescência
O espaço revivendo o tempo
(Freyre, 1962, p. 79)

Freyre talvez revivesse esse tempo permanentemente, sem que necessitasse voltar a Oxford.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. Gilberto Freyre and England: a love story. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9(2): 13-38, October 1997.

UNITERMS:
anglophilia,
essay,
house,
tradition,
modernity.

ABSTRACT: Gilberto Freyre was a confessed anglophile. This article aims, on the one side, at pointing out the traits of British culture which most captivated him, and, on the other side, at calling attention to the importance of the British essayist Walter Pater in the intellectual trajectory of the author of *The master and the slaves*. It will be argued that it was in this Victorian writer that Freyre found inspiration for the essay form of his work and for the theme of the house as a central element for the understanding of Brazilian culture. The final part of the article explores the impact of Freyre's work on Asa Briggs, one of the rare British intellectuals who recognizes the value of his ideas for the study of other societies.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, R. Benzaquem de. (1994) *Guerra e paz*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- BARTHES. (1962) Repercussão de Gilberto Freyre no Estrangeiro. In: FREYRE, Gilberto *et alii*. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- BOSI, Alfredo. (1994) *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix.
- BOXER. (1962) *The golden age of Brazil, 1695-1750: growing pains of a colonial society*. California, University of California Press.
- BRIGGS, Asa. (1985) Gilberto Freyre and the study of social history. In: _____. *The collected essays of Asa Briggs*. 2 vols. London, Harvester Press.
- BUCKLER, W. E. (1987) *Walter Pater: the critic as artist of ideas*. New York, New York University Press.
- BURKE, Ulick Ralph. (1884) *Business and pleasure in Brazil*. London, Field & Tuer, Ye Leadennalle Presse.

- CALLADO, Antonio. (1962) A procura de influências anglo-americanas em Gilberto Freyre. In: FREYRE, Gilberto *et alii*. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- CHACON, Vamireh. (1993) *Gilberto Freyre – uma biografia intelectual*. Recife/São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- DAIX, Pierr. (1995) *Braudel*. Paris, Flammarion.
- DARCY Ribeiro de. (1977) Prólogo y Cronologia. In: Freyre, Gilberto. *Casa-grande y senzala*. Caracas, B. Ayacucho.
- EVANS, L. (ed.). (1970) *Letters of Walter Pater*. Oxford, At the Clarendon Press.
- FREYRE, Alfredo. (1970) *Dos 8 aos 80 e tantos*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
- FREYRE, Gilberto. (1942a) Anglos às vezes anjos. In: _____. (1942c) *Ingleses*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- _____. (1942b) Leituras Inglesas. In: _____. (1942c) *Ingleses*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- _____. (1942c) *Ingleses*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- _____. (1948) *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- _____. (1962) *Talvez poesia*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- _____. (1963) *Casa-grande & senzala*. 11^a edição. Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- _____. (1971) *A casa brasileira*, Rio de Janeiro, Grifo Edições.
- _____. (1975) *Tempo morto e outros tempos*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- _____. (1977) *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Rio de Janeiro, Artenova.
- _____. (1979) *Tempo de aprendiz – artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926)*. 2 vols. São Paulo, Ibrasa.
- _____. (1990) *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro, Record.
- ISER, W. (1987) *Walter Pater - the aesthetic moment*. Trad. do original alemão, *Walter Pater: Die autonomie des Ästhetischen*, 1960. Cambridge, Cambridge University Press.
- LIMA, L. Costa. (1989) *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro, Rocco.
- MAYBURY-LEWIS & DAVID, H.P. (1986) Introduction. In: FREYRE, G. *The masters and the slaves*. Berkeley, University of California Press. Paperback Edition.
- MEISEL, Perry. (1980) *The absent father: Virginia Woolf and Walter Pater*. New Haven, Yale University Press.

- MOTA, Carlos Guilherme (1994) *Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974*. São Paulo, Ática.
- PATER, Walter (1910a) Style. In: _____. *Appreciations – with an essay on style*. London, Macmillan and Co.
- PATER, Walter (1910b) The Child in the House. In: _____. *Miscellaneous studies*. London, MacMillan and Co.
- PATER, W. (1934) *Plato and Platonism*. London, Macmillan and Co. Ltd.
- RIBEIRO, Darcy. (1977) Prologo y cronologia. In: FREYRE, G. *Casa grande y Senzala*. Caracas, B. Ayacucho.
- TANNENBAUM F. (1963) Introduction. In: FREYRE, Gilberto. *The mansions and the shanties*. London, Weidenfeld and Nicolson.
- THOMPSON, E.P. (1994) *Witness against the beast - William Blake and the moral law*. Cambridge, Cambridge University Press.
- VEIGA, Gláucio. (1980-84) *História das Idéias da Faculdade de Direito do Recife*. 4 vols. Recife, Universitária.